

A utilidade dos pobres

MAURO SANTAYANA

12 NOV 1993

Em sua excitante análise do Renascimento na Itália, Jacob Burckhardt concluiu que ali, e naquela estação histórica, a construção do Estado correspondia a uma obra de arte. Não era para menos: a reconquista do pensamento antigo se fazia pelos caminhos da arte, e a arte era o *Zeitgeist* de então.

Devíamos, a partir da descoberta do historiador de Basileia, concluir que o Estado corresponde, em cada tempo, ao interesse social predominante? Talvez. Mas talvez pudéssemos também entender o interesse social predominante como o interesse daqueles que ocupam o Estado e, com a sua força, impõem ao tempo o seu espírito. De qualquer forma, é preciso ver a História como um caminho que se abre sobre o espaço negro e denso do Desconhecido, e que os nossos olhos vão clareando, ao convocar o sol de cada dia. Não é um só fator que determina o futuro. Ele é feito pelos homens, e os homens são seres múltiplos. Com o amálgama de paixões e interesses, de sonhos e decepções, os homens vão administrando, décadas depois de décadas, séculos depois de séculos, a sua presença neste vale de lágrimas.

Qual tem sido o espírito de nosso tempo? Tem sido o do orgulhoso Prometeu, que dá ao fogo roubado a Hefestos novo calor e novo clarão. Tem sido a Idade do Êxito, mais do que qualquer outra idade do mundo. É isso: o nosso tempo não admite a derrota, não aceita a partilha, abomina as renúncias. A cínica redução puritana ao afirmar que Deus confere a uns a graça da riqueza, como prêmio ao trabalho, e a ou-

JORNAL DA TARDE



PARECE QUE DEUS
OS FEZ AQUI A FIM DE QUE PUDESSEM
OS CANALHAS CRIAR
INSTITUIÇÕES DE CARIDADE E ROUBAR

tros a miséria, como castigo à indolência, é usada para justificar todas as perversões do capitalismo, até mesmo a do assalto aos bens da República.

É esse espírito perverso que faz da mentira a verdade, do pecado, a virtude, e veste de mentirosa honra, como Constantino se vestia de ouro, ladrões e assassinos (que diferença faz matar crianças com a espada de Herodes ou com a fome? São menos assassinos os fabricantes de remédios que só pensam no lucro? São menos

assassinos os médicos mercenários?). Na Idade Média, para conquistar Jerusalém aos mouros, armaram-se cruzadas de inocentes, que morreram quase todos antes da frustrada tentativa de cruzar o Mediterrâneo. Hoje crianças atravessam o Atlântico, a fim de serem desmontadas, víscera por víscera, e transferir sua vida aos meninos ricos, conforme denúncias não comprovadas nem desfeitas.

Quando quer perder os homens, Deus os enlouquece, é a velhíssima advertência.

Enlouquecêmo-nos todos, ou quase todos, com a idéia do êxito, mas o êxito que perseguimos não é o do reconhecimento de nossa identidade humana. Ao contrário. É o da nossa identidade de titãs, de capitães de iates que fazem a excitante travessia de Santos a Angra, da enseada do Flamengo a Búzios; de donos de jatinhos que espantam, nos aeroportos do Nordeste, as arribações raquíticas. De onde esses nomes, quase todos eles, retiraram o seu êxito? Muitos de nós sabíamos, mas ainda assim nos espantamos com sua insolência. Retiraram da miséria.

Em "A vida de Santo Elói", piedoso escriba antigo dizia que Deus fizera os pobres para que os ricos pudessem, por meio da caridade, redimir os seus pecados e encontrar o caminho do céu. Há mais uma utilidade para os pobres. Parece que Deus os fez aqui a fim de que pudessem os canalhas criar instituições de caridade e roubar, do trabalho dos próprios pobres, pela via do Estado, o dinheiro que à caridade se destinava, e com ele comprar jatinhos e cocaína, certas próteses e certos emolientes.

Mas os nossos olhos começam a clarear o caminho da História, aqui e no mundo inteiro. É provável que consigamos mudar o espírito de nosso tempo e substituir o êxito dos bens pelo êxito da honra. E fazer do Estado o ato ético que ele deve ser.